



---

## 1º Domingo depois de Pentecostes Domingo da Santíssima Trindade (22.05.2005)

*O domingo da Trindade é o único domingo no ano que celebramos uma doutrina e não os eventos da salvação. Pode-se servir de um lembrete de que os eventos celebrados dominicalmente são obras do Deus Triuno que envolve as pessoas, a Igreja e o mundo. Todos sabemos que a palavra Trindade não existe na Bíblia. Esse conceito teológico foi formulado no decorrer da história da Igreja a partir da necessidade de se compreender e explicar o mistério abissal do Deus revelado nas Escrituras. Portanto, a Festa litúrgica da Trindade, bem como a doutrina que hoje proclamamos, são formulações da Tradição viva, alimentada pelas Escrituras e confirmada na experiência da Igreja.*

### 1ª leitura – Gênesis 1.1-2.3

**1º. Comentário** - Este primeiro capítulo de Gênesis é uma narrativa belíssima da criação. Um poema, talvez escrito por volta dos anos 586 a 538 AC. Entretanto há controvérsias sobre sua autoria e data. Mas isto não lhe rouba a beleza e o encanto.

Podemos perceber, já nos primeiros versículos a dinâmica da criação de Deus. A terra estava sem forma e vazia e as trevas cobriam o abismo. Então ouvimos a ordem solene de Deus: Haja luz! Ao som dessa voz, inimaginável aos nossos ouvidos, o caos se desfaz e uma harmonia natural e perfeita se estabelece. Aqui é Deus falando! É o Senhor colocando ordem na desordem do cosmos e trazendo luz nas trevas. Vemos a partir daí uma seqüência lógica da criação do mundo e da humanidade.

O que nos chama a atenção neste texto é o cuidado de Deus para com sua criação. Ele cria o homem e logo em seguida a mulher como sua ajudadora e companheira, não inferior ou para ser subjugada, mas para estar a seu lado e ajudá-lo na construção do mundo. Deus já lhes dá a incumbência de preservar e dominar sobre a natureza. Não devastar, mas preservar e cuidar!

A aproximação de Deus com o ser humano já começa aqui. Ele sempre quis estar conosco, desde o principio da criação.

O versículo 22 diz que Deus abençoou sua criação e disse: "Sede fecundos, multipliquem-se e encham as águas do mar; e que as aves se multipliquem sobre a terra". A impressão que temos é que Deus não gosta de coisas estáticas. Tudo para ele é vida e dinamismo. Toda sua obra é boa e ele nos convida a participarmos de sua criação, não como meros expectadores, mas como cooperadores e construtores de uma nova humanidade.

Como Javé, podemos construir um mundo novo e fazer novas todas as coisas, estabelecendo a ordem no caos e dizendo junto com ele: Haja luz! (Rev. Haroldo Mendes)



**2º. Comentário** - A narrativa da Criação está na forma de litania de louvor a Deus. A bondade e a liberdade com que o Criador criou o universo e a nós, humanidade são celebrados no engrandecimento de Deus.

O mundo celebrado não é um mundo fixo e fechado por mais que pareça. É aberto para a participação humana em louvor. Esta doxologia é, também, crítica ao mito dominante babilônico da criação. No mito da Babilônia, a criação é um ato da violência: Tiamat (a mãe de todos) é assassinada e desmembrada. Do seu cadáver o mundo é formado. A ordem é estabelecida por meio da desordem. A criação é uma vitória violenta sobre um inimigo mais antigo do que a criação. A origem do mal precede à origem das coisas. Caos (simbolizada pela Tiamat) é anterior à ordem (representada por Marduk, deus da Babilônia). O mal é anterior ao bem. A violência é inerente na divindade. O mal é um elemento constitutivo inextinguível da realidade última e possui prioridade ontológica sobre o bem.

O mito bíblico é diametralmente oposto. O bom Deus cria uma boa criação. O caos não resiste à ordem. O bem é ontologicamente anterior ao mal. Nem o mal nem a violência são parte da criação. Mas eles entram como um resultado do pecado humano. Uma realidade basicamente boa é corrompida pelas livres decisões alcançadas pelas criaturas. Nesta explanação muito mais complexa e sutil das origens, o mal emerge, pela primeira vez, como um problema que exige solução. É importante observar que o trecho selecionado para hoje não fala no mal nem no pecado.

Também é importante observar que as plantas crescem antes do sol e da lua. Levando-se em consideração que eles representavam as divindades no mundo daqueles dias, é uma forma de dizer que o sol e a lua são criaturas e não criadores, por mais importante que fosse para a vida. É uma forma de confissão de fé. Nem menos é importante que os humanos, as pessoas são criadas à imagem de Deus, criatura que, em sua dualidade - macho e fêmea - corresponde a Deus. Isso era muito importante para os exilados feitos humanos inferiorizados em terra hostil onde a imagem de Deus era atribuída somente aos reis e pequeno grupo de gente seleta. O texto em questão não faz distinção de raça, de credo e de posição social. Todos nessa dualidade de homem e mulher são a imagem de Deus. Essa é a visão do povo que passou pelo êxodo e exílio. Nós como seus herdeiros louvamos e confessamos o Deus Criador pelos Credos, pelas intercessões e orações eucarísticas e por meio de diversas formas de serviço. Ao louvar o Criador é oportuno lembrar, em nossas intercessões, as escolas, universidades, centros culturais e centros formadores de opinião.

Com a leitura de Gênesis 1 que nos proporciona a visão do contexto universal da Criação, o Salmo (150.6) que destaca a universalidade dos que louvam a Deus, e o Evangelho que nos anuncia a promessa do Deus Emanuel de estar conosco todos os dias até o fim dos séculos somos capacitados para estarmos voltados para o futuro com esperança. Seja qual for o nome que se dê à missão, o alvo final é o louvor ao Deus Trino e comunhão com ele e uns com os outros. (*Dom Sumio Takatsu*)

### **Epístola - II Coríntios 13 (5-10) 11-14**



**1º. Comentário** – Creio que todos já ouvimos a expressão “para bom entendedor meia palavra basta”. Pois bem, o texto da epístola de hoje é um daqueles que conseguem dizer muito em pouco espaço. Basta um pouco de atenção para com o texto sagrado e podemos ouvir a direção de Deus para a vida da Igreja em momentos conturbados como os que vivemos hoje.

Paulo está se despedindo daquela igreja, depois de uma carta muito séria, muito grave, mas muito amorosa. Nesta carta ele defende sua autoridade apostólica, seu ministério e sua relação de intimidade com Cristo. E é somente depois de toda a sua argumentação que ele se sente apto e capaz de encerrar esta carta com estas palavras tão especiais. Nestas breves palavras podemos ver todo o carinho de um pastor para com suas ovelhas, mas também podemos ver toda a consciência do seu chamado e de sua vocação. Este texto claramente revela três grandes elementos do discurso de Paulo. Elementos que devem também hoje ser vistos e reconhecidos no ministério daqueles que nos ministram a Palavra e os Sacramentos.

Em primeiro lugar, este texto revela uma exortação. Paulo exorta a comunidade de Corinto para o mesmo tipo de vida que qualquer pastor também exigiria da igreja moderna. Paulo orienta aquela igreja a viver uma vida de aperfeiçoamento, na busca e no exercício do consolo mútuo, na busca da unidade de parecer e na vida pacífica. A palavra que orienta todas estas idéias é “aperfeiçoai-vos” (*katartizeste*), que no original está na voz passiva, indicando que este ato de *katarse*, de aperfeiçoamento e de purificação é realizado de dentro para fora. Vem de Deus. É ele, dizia Agostinho, quem nos dá o que exige de nós. Paulo exorta aquela comunidade, em resumo, a viver em paz, independentemente das diferenças existentes entre eles.

Em segundo lugar, este texto revela um consolo. Se formos capazes ou aptos para vivermos uma vida de paz para com todos, independentemente de nossas diferenças, então Paulo tem um consolo par a comunidade: “o Deus de amor e de paz estará convosco”. Nas palavras de Matthew Henry: “Deus é o Deus de amor e paz. Deus estará com todos os que viverem em amor e paz. Ele amará a todos os que amam a paz”. Os que promovem a paz são tão importantes na Bíblia que eles são identificados, no Sermão do Monte, como “filhos de Deus”.

Em terceiro lugar, este texto revela uma bênção. Sua autoridade sobre a comunidade dos coríntios aparece, agora, na forma de uma solene bênção. Este é o único lugar no Novo Testamento em que a Trindade aparece junta em uma bênção. E esta bênção tríplice parece congregar a Santíssima Trindade e sua ação salvadora de forma bem sintética. Jesus revela sua graça porque, “sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que pela sua pobreza, vos tornásseis ricos” (8:9); o amor do Pai ficou “superlativamente demonstrado, diz-nos Colin Kruse, quando Deus providenciou a grande reconciliação efetuada por Cristo”; e a comunhão do Espírito Santo tanto pode ser vista como sendo nossa participação na pessoa do espírito Santo, quanto pode significar nossa participação na comunhão criada por Ele. Seja como for, todos os cristão são batizados por um Espírito, num corpo e bebemos de um mesmo Espírito (I Co 12: 13).

Somente alguém que tinha absoluta consciência de seu chamado e de sua vocação poderia dizer o que Paulo disse aqui. Neste momento Paulo se revela como exemplo para o ministério de nossos bispos e sacerdotes. São eles, assim como Paulo,



instrumentos usados por Deus para a exortação, para o consolo e para a bênção da comunidade. Que, diferentemente dos coríntios, sejamos capazes de identificar nos nossos bispos, homens e mulheres enviados por Deus para o nosso bem. *(Rev. Jorge Aquino)*

**2º. Comentário** - A razão para a escolha desse texto no domingo de hoje encontra-se na bênção apostólica trinitária, do versículo 13.

O apóstolo Paulo experimentou um conturbado relacionamento com a comunidade de Corinto. A 2ª epístola que temos hoje é, no entender de muitos, o compilado de diversos bilhetes enviados pelo apóstolo a fim de minimizar essas tensões e, ao mesmo tempo, defender seu apostolado. O trecho que lemos hoje reflete alguns desses conflitos. Paulo exorta os leitores a examinarem se sua conduta é coerente com a fé que professam e ameaça ser rigoroso quando encontrá-los. A autoridade apostólica, porém, é exercida no contexto da edificação – “o Senhor me deu autoridade para edificar e não para destruir” (v.10). Assim deve ser também o exercício da autoridade de bispos e clérigos/as hoje nas comunidades.

As exortações a partir do vs. 11 são dirigidas a todos e ressalta-se aqui o desejo do apóstolo para que cessem os partidarismo internos – “sede do mesmo parecer, vivei em paz”. O ósculo santo é um gesto cultural de amizade e companheirismo. Corresponde ao nosso abraço da paz.

Finalmente, temos na conclusão, a bênção apostólica com a menção da Trindade. A ordem das “pessoas”, é apresentada de modo diferente – primeiro vem o Filho, Jesus Cristo, revelador do Pai. A cada “pessoa” trinitária, o apóstolo associa um substantivo – a Jesus Cristo, a graça; a Deus, o amor; e ao Espírito, a comunhão.

*(Rev. Carlos Eduardo Calvani)*

### **Santo Evangelho: Mateus 28.16-20**

A perícopes do Evangelho selecionada para este domingo é um dos vários textos que nos falam da ação e revelação tríplice de Deus. Dizemos ação e revelação porque nosso Deus é dinâmico. Está sempre agindo no mundo e na história. E à medida que age, revela-se a si mesmo. Por isso toda revelação sempre é percebida nesse agir de Deus no mundo e em nossas vidas.



Quando falamos de Deus Uno e Trino, não estamos afirmando uma fórmula científica (matemática ou química) compreensível apenas aos que se dedicam a anos de estudo teológico. Não se trata disso. Conforme Tillich, se a afirmação de que “três são um e um é três” for apenas uma questão numérica, será de fato, “a pior distorção do mistério da Trindade” (*Teologia Sistemática* p. 602). A doutrina da Trindade, na verdade, vem a ser uma das formas simbólicas que a Igreja utiliza para descrever a inserção de Deus nos processos da vida.

Quando Jesus dirigiu aos discípulos as palavras que hoje ouvimos, estava revelando algo muito precioso referente à natureza da ação daqueles que são atingidos pelo mistério insondável de Deus. É bom ficarmos atentos à frequência do pronome indefinido “todo”, que se repete quatro vezes no texto: (“*Todo* poder” ou “*toda* autoridade” - exousia, em grego; “*todo* o mundo”, “*todas* as nações”, “*tudo* o que vos tenho ordenado”, “*todos* os dias”). Trata-se de um advérbio de quantidade que indica totalidade. E a totalidade não é quantificada, não pode ser enumerada, pois ela é bem mais que a mera soma das partes. Falar, portanto, do mistério da Trindade e ao mesmo tempo da missão é estar atento aos limites inerentes à nossa linguagem sempre fragmentada diante do Todo.

Seria oportuno relacionar de alguma maneira esse texto à primeira lição - Gênesis 1. Ali se fala do processo criativo de Deus - o cosmos, a energia, os astros, a natureza, os rios, mares, peixes, os animais e os seres humanos. A abrangência da missão da Igreja é para toda a criação e não apenas para partes dela. Isso significa dizer que a Igreja não se interessa apenas pela “salvação das almas”, mas pela preservação da vida em todas as suas instâncias. Isso inclui necessariamente, a dimensão ecológica, e questões extremamente atuais, tais como a bioética, a política, a economia e os relacionamentos humanos. Afinal, tudo isso faz parte do Todo.

Diante da abrangência e responsabilidade dessa missão, as palavras de Cristo tornam-se bastante animadoras. Ele afirma estar conosco “*todos* os dias”. E essa é sua promessa. “*Todos* os dias” são realmente “*todos*”, inclusive aqueles em que julgamos estar sozinhos, abandonados à nossa angústia, fraqueza e sofrimento. Porém, esse estar conosco *todos* os dias tem uma finalidade. Cristo está conosco nos fortalecendo para que contemplemos nossa responsabilidade de não excluir uma pessoa sequer do alcance de sua graça salvadora. Por isso o texto diz: “*Ide por todo* o mundo, (“*todas* as nações”, conforme outras traduções). Trata-se de compreender aí o significado maior da catolicidade da Igreja. Nela há espaço para todas as culturas, para todas as formas sinceras de se buscar a Deus e adorá-lo. Desse modo, não há como apoiar processos de “limpeza étnica”, racismos ou preconceitos culturais. Os que fazem isso em nome de Deus não compreendem o significado da catolicidade da Igreja.

O texto diz também “ensinando-os a guardar *tudo* o que vos tenho ordenado”. Eis aí outra dimensão da missão que nem sempre é bem enfatizada em nossas igrejas; a área educacional, o ministério da catequese, da instrução espiritual. Ninguém (seja de qual idade for) pode ser privado do acesso à revelação escrita e à compreensão dos mistérios da graça de Deus. Além disso, a palavra de Cristo deve nos alertar também no sentido de verificarmos como às vezes damos mais peso na transmissão de ensinamentos que são frutos de épocas específicas, de éticas



particulares, de formas peculiares de se interpretar a Bíblia e a Tradição e não tanto das próprias palavras e ensinamentos de Cristo.

Finalmente, a segurança da missão, está selada pela autoridade daquele que nos envia e comissiona: o próprio Cristo. Nossa autoridade não é a da hierarquia eclesiástica, pois mesmo essa é (ou deve ser) derivada daquela. Tampouco é garantida pela nossa eloquência, pelos anos de estudo, pela experiência ministerial adquirida em anos de trabalho paroquial. A autoridade da Igreja se fundamenta naquele que tem Toda Autoridade e Todo Poder.

O que isso tem a ver com a Trindade? Muito, desde que consigamos nos desvencilhar da armadilha numérica contida nesse conceito. Três é símbolo de totalidade. Por isso, ao batizarmos em o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, estamos inserindo a pessoa numa nova esfera de relação com a vida. Estamos declarando nossa fé de que cada batizado atingirá, no devido tempo, a compreensão do significado de não-exclusão. Na comunidade de Cristo há espaço para todo marginalizado, toda cultura, todo aquele que está cansado e oprimido e todo aquele que, com sinceridade tenta penetrar no mistério abissal de Deus e da totalidade da vida. (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*)